

SABERES E FAZERES NAS COMUNIDADES CAMPONESAS E QUILOMBOLAS DE CAVALCANTE/ GO: trabalho, cultura e meio ambiente para a sustentabilidade

Carlos Roberto Machado de Oliveira

Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão e Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC.
Endereço Eletrônico: carlosrobertomachado.o@gmail.com

Marcelo Rodrigues Mendonça

Professor Doutor do Programa da Pós Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás - IESA/UFG
Endereço Eletrônico: ufgmendonca@gmail.com

Valmir Crispim dos Santos

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.
Endereço Eletrônico: valmircrispim@hotmail.com

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Doutorando no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG.
Endereço Eletrônico: ricardofreud@gmail.com

Temática: Espacios rurales, agricultura y seguridad alimentaria

Resumo: Este artigo é uma continuidade da Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) e tem como centralidade o tema “SABERES E FAZERES NAS COMUNIDADES CAMPONESAS E QUILOMBOLAS DE CAVALCANTE: trabalho, cultura e meio ambiente para a sustentabilidade”, desenvolvida pelo Programa de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão – GO. A pesquisa pretende compreender as atividades agroecológicas associadas ao cultivo e manejo de sementes crioulas, além das relações sociais de produção e o uso de plantas medicinais nas Comunidades Camponesas e Quilombolas de Cavalcante (GO). Traz uma reflexão da relação socioespacial dos povos Kalunga que habitam essa região desde o século XVIII pela ocupação dos mineradores que utilizavam o trabalho escravo. A resistência desses trabalhadores formou a Comunidade dos Quilombolas, que apesar de vários anos continua até hoje, graças à forma que os povos Kalunga conseguiram se adaptar a vida no Cerrado, tornando-se um grande instrumento de (Re)Existir, tendo como base os *saberes-fazeres* construídos a partir dos conhecimentos adquiridos cotidianamente, formando tradições e conhecimentos populares que se tornaram um grande instrumento para preservação da sociobiodiversidade do Cerrado. A pesquisa é desenvolvida através de leituras bibliográficas, seguidas por fichamentos e utilização de vídeos/documentários que contribuíram de forma significativa para a compreensão dessa problemática, além da classificação e identificação dos processos de seleção e variedade das sementes crioulas e plantas medicinais para montagem de um banco de dados sobre as informações colhidas. A metodologia baseia-se também em pesquisas de campo, aplicações de questionários e entrevistas para coletar dados obtendo assim um melhor resultado na pesquisa, pois sabemos da importância que é vivenciar o que foi estudado nas referências bibliográficas. Por fim, entende-se que o desenvolvimento de pesquisas científicas e troca de *saberes-fazeres*, irá contribuir para melhores condições de manutenção da cultura e melhoria na qualidade de vida dos “Povos Cerradeiros”.

Palavras-chave: Biodiversidade, Cerrado, Kalunga, (Re) Existir.

Introdução

As Comunidades Camponesas Quilombolas Kalunga, estão localizadas na Região Nordeste de Goiás, na Chapada dos Veadeiros, a cerca de 600 km de Goiânia e 420 km de Brasília, no Brasil Central. Estas comunidades surgiram em meados do século XVIII quando milhares de trabalhadores escravizados, trazidos para exploração do ouro, fugiram para essa região, dando origem aos primeiras “quilombos”, daí o nome de “Comunidades Quilombolas”. A denominação de Kalunga está ligado a uma localidade cujo córrego possui essa denominação originária de uma pequena planta medicinal. Kalunga conforme VILA REAL (1996) “[...] é um termo banto que significa força suprema de poder ilimitado”. Kalunga são todos os povos que habitam o território que se estende ao Estado do Tocantins nos municípios de Arraias e Paranã.

A pesquisa está associado as relações entre homem e natureza, que potencializada a partir dos *saberes-fazeres* adquiridos através da convivência com a sociobiodiversidade do Cerrado. Assim, procuramos compreender as atividades agroecológicas associadas a *(Re) Existência* (como o cultivo e manejo de sementes crioulas, as relações sociais de trabalho e produção e o uso de plantas medicinais) pelas Comunidades Camponesas e Quilombolas Kalunga.

Para melhor desenvolvimento da pesquisa e aprofundamento das questões, a proposta inicial se deu mediada por algumas etapas, tais como leitura bibliográfica para compreender o histórico local dentro do contexto brasileiro; compreensão da formação socioespacial da região de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás; classificação e identificação dos processos de seleção e variedade das sementes crioulas e plantas medicinais; com isso, decorreu a montagem de um banco de dados sobre as informações colhidas; elaboração, publicação e divulgação das informações observadas e coletadas durante o processo da pesquisa.

Formação territorial

A atividade mineradora no norte da Capitania de Goiás e, conseqüentemente, a utilização de trabalhadores em situação escrava ocorreu mais precisamente no final da década de 1720 prolongando até a década de 1950. Segundo Apolinário (2007, p. 75), “A notícia do descobrimento das ricas lavras de ouro em Arraias e Cavalcante provocou um imenso fluxo de pessoas ávidas de riquezas. O ouro fazia parte do imaginário dos primeiros aventureiros que migravam para as terras do norte”. O eldorado do norte goiano significava a realização dos sonhos de muitos mineradores que entraram em decadência após o esgotamento das minas nas regiões do Rio Vermelho, Pireneus

e São José do Tocantins¹.

A extração de ouro no norte da capitania de Goiás não foi uma atividade duradoura como em Minas Gerais ou até em outras partes da Capitania. A garimpagem do precioso metal ocorreu prioritariamente no leito dos cursos d'água, onde o minério deslocado das rochas era depositado em aluvião. Não foi empregada qualquer técnica que possibilitasse explorar o ouro nos filões distantes das fontes de água, também não foram feitos grandes investimentos nas jazidas, fato que abreviou o fim da exploração mineral, mas fundamental para garantir a colonização, provocando marcas significativas na formação socioespacial da região.

Para cada mina descoberta era erguido um arraial, e, após a decadência da garimpagem, já estava formada a base de uma nova cidade. Dos vários arraiais surgidos no período da mineração no Norte da Capitania de Goiás alguns não resistiram ao fim do ciclo do ouro, sendo o caso de Traíras e São Félix. Outros chegaram ao século XXI, dentre eles destacamos as cidades de Monte Alegre de Goiás, Teresina de Goiás e Cavalcante, sendo que este último é o local onde desenvolvemos a pesquisa ora apresentada, vide figura 01.

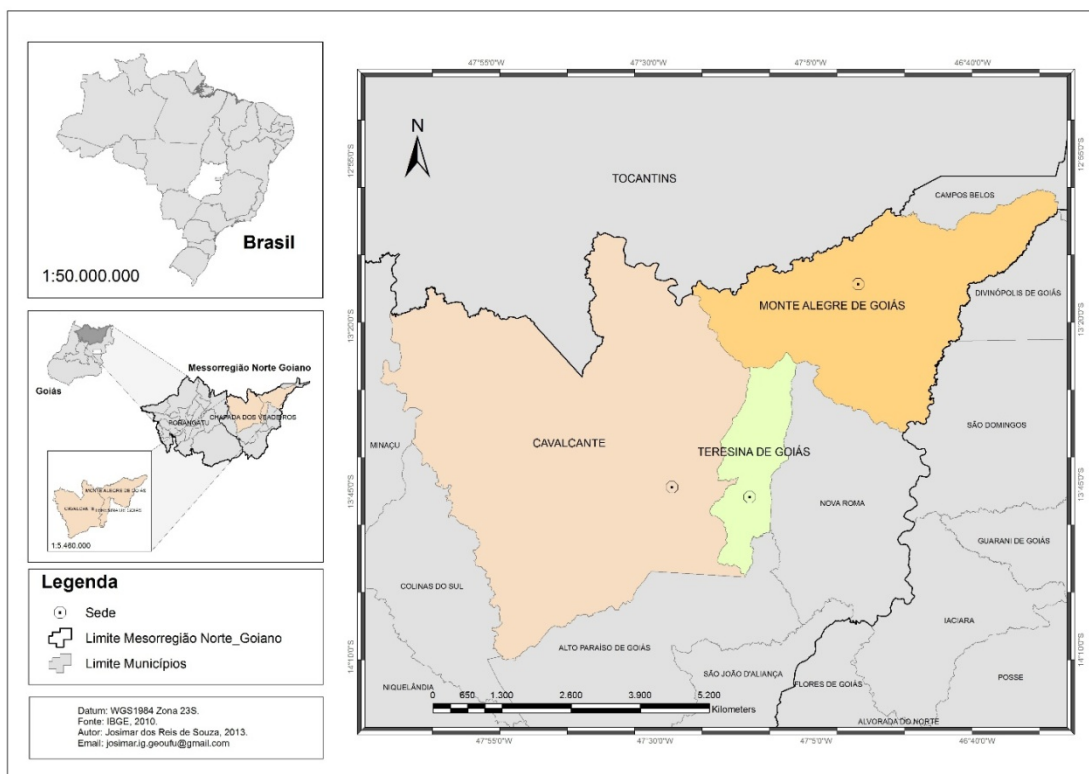


Figura 01: municípios onde se localizam as Comunidades Quilombola Kalunga.
Fonte: SANTOS, V.C; MENDONÇA, M. R (2014)

¹ As minas dos Pirineusse localizavam na região onde atualmente situam os municípios de Corumbá e Pirenópolis, enquanto as de São José do Tocantins se localizavam onde temos atualmente o município de Niquelândia. As minas do Rio Vermelho compreendiam de Vila Boa, antiga capital de Goiás.

Não se tem uma data exata da formação dos quilombos da Região nas minas do Norte da Capitania de Goiás, mas sabemos que a resistência foi uma atividade contínua por parte dos trabalhadores escravizados. Ocorre que após o fim da mineração a região entrou em decadência econômica, e mesmo estando em liberdade dos serviços forçados os trabalhadores escravizados enfrentavam dificuldade para reproduzir sua existência, haja vista que a eles foi negado o acesso a terra. A única alternativa foi buscar condições de sobrevivência no sertão onde as terras não interessavam aos grandes fazendeiros. Passaram a dividir o mesmo território e a mesma luta com os indígenas das etnia Avá Canoeiro e Akroas e Xacriaba.

Saberes e fazeres Kalunga

Para sobreviverem na região do Vão do Paranã², os quilombolas tiveram que desenvolver conhecimentos e técnicas para auxiliar no cotidiano dos mesmos, ao passo que também absorveram vários saberes indígenas. Essas técnicas e conhecimentos foram passados de “Geração a Geração” e se perpetuam até os dias de hoje, dando origem aos “*saberes e fazeres*” das Comunidades Camponesas e Quilombolas dessa região.

Esses conhecimentos são oriundos da percepção do espaço que os quilombolas tinham, pois tiveram que conhecer a natureza para extrair a matéria-prima que precisavam para produzir alimentos e utensílios que garantiam a existência e uma melhor qualidade de vida. Eles aprenderam a definir os períodos climáticos que interferiam diretamente na produção de alimentos, trazendo os fenômenos climáticos a seu favor, pois a partir desses conhecimentos *saberes-fazeres*, os quilombolas puderam “regular” seu plantio e produzir outras culturas, como, por exemplo, o algodão que garantiam as fibras necessária para confecção de roupas e agasalhos.

Além disso, o conhecimento das plantas do Cerrado, sobretudo das plantas alimentícias e medicinais, se expressa atualmente nos quintais agroecológicos das casas nas comunidades. Nesses espaços foi possível identificar inúmeras espécies utilizadas na alimentação e na medicina tradicional. Para ARANTES; ALMEIDA (2012), “[...] Algumas são plantadas em seus quintais, outras encontradas no Cerrado. As ervas são utilizadas para resolver problemas de saúde mais simples, ou amenizar sintomas de algumas doenças”. Além disso, em momentos de crise na produção de alimentos são dos quintais agroecológicos que os Kalunga retiram boa parte dos alimentos consumidos.

² O Vão do Paranã é uma forma alongada no sentido norte sul, como um corredor espremido entre alinhamentos elevados de serras e chapadões; ao mesmo tempo um “buraco”, as profundezas de um espaço [...] (BARREIRA, 2002, p. 91).

A pesquisa mostra que esses saberes estão espalhados pelo território quilombola, sendo parte de uma cultura que insiste em manter seus fundamentos tradicionais, pautados na convivência harmônica com a sociobiodiversidade do Cerrado. Esses conhecimentos sobre as plantas, também são registrados em várias pesquisas como MEC (2010) “[...] o número de plantas medicinais que eles sabem utilizar é extraordinário. Mesmo as crianças conhecem de cor essas plantas e como devem ser usadas. Assim, podemos aprender com elas que a própria plantinha calunga é um lombrigueiro e a folha chamada mercúrio serve para quando se deu uma topada.”

Sintetizando, os quilombolas trouxeram os conhecimentos que já tinham e, foram adequados a realidade daquela região, que se localiza no Bioma-território Cerrado. Essa relação com a sociobiodiversidade deram origem aos *saberes-fazeres* que são conhecimentos oriundos da relação homem e natureza, que os quilombolas têm com o “Cerrado”. Segundo Rosa, apud, Escobar (1999) “[...] este conhecimento é definido como o território culturalizado sendo, pois, a biodiversidade, o patrimônio, o território e a sociedade imbricados, revelados no saber-fazer, na produção, na etnobotânica, enfim, nos conhecimentos, saberes e na visão de mundo”. Esse é o entendimento adotado na leitura da biodiversidade dos Kalunga. Com esse entendimento, o patrimônio genético é somente um componente do território culturalizado daquele grupo.

Os Kalunga são guardiões de inúmeros tipos de sementes de milho, arroz, mandioca, feijão, inhame, abóbora, cará e outros gêneros alimentícios, que ainda não sofreram com a invasão dos produtos geneticamente modificados. A prática agrícola nas comunidades é realizada prioritariamente utilizando sementes crioulas, selecionadas e guardadas pela comunidade. A diversidade das sementes utilizadas pela comunidade garante a produtividade em função da adaptação das plantas cultivadas às condições agroambientais da região. A diversidade das práticas agroecológicas expressa na utilização das sementes crioulas, colocamos agricultores da comunidade Kalunga na condição de guardiões de um dos principais bancos genéticos do país.

As estratégias de cultivo são diversificadas, seguindo um calendário que imprime peculiaridade ao ideário Kalunga. As roças são abertas nos meses de julho e agosto, e antes que cheguem as primeiras chuvas é feita a queimada e o desencoivamento. Com a chegada das chuvas nos meses de novembro e dezembro são realizados os plantios das sementes que garantira como bem disse o Poeta José Furtuna: “nos dará para o ano um prato cheio de fartura”. Os plantios ocorrem prioritariamente nos dias dedicados a Nossa Senhora da Conceição e Santa Luzia, respectivamente os dias 08 e 13 de dezembro. Os agricultores acreditam que os plantios realizados até o meio dia dos “dias santos”³ possuem mais chances de obter resultados positivos.

³ Em agradecimento a boa colheita os quilombolas kalunga fazem doações de alimentos às festas de Santos comemoradas na comunidade o ano todo.

O plantio obedece a técnica de consorciamento entre diversas espécies alimentícias como arroz ou milho com outras de porte rasteiras como abóbora, melão e maxixe (foto 1) É interessante observar que todos desenvolvem sem interferir no ciclo do outro, garantindo assim a produção em abundância e a tuaia cheia nas colheitas que ocorrem nos meses de abril e maio.



Foto 1: Roça Kalunga, cultivo consorciado de arroz e melão, Comunidade do Riacho de Areia.
Autor: SANTOS (2015).

O cultivo se repete na mesma área por dois ou três anos seguidos, sendo que após esse período ela entra em pousio, revegetando naturalmente e constituindo em dois anos numa capoeira que recobre todo o solo. Essa prática foi chamada por SCHIMIT (2010), “de agricultura de alternância, muito utilizada por indígenas e camponeses da Amazônia brasileira”. Verificamos que as mudanças recentes nas práticas produtivas na comunidades está mudando radicalmente esse tipo de cultivo. Com a chegada do gado bovino, as áreas abertas ao invés de serem abandonadas para revegetar estão sendo cultivadas com pastagens, principalmente o capim andropogon (*gayanuskunth*). Assim, dentro de poucos anos as áreas propícias para as práticas agrícolas vão ficar mais raras e distantes das residências, dificultando o cultivo de alimentos.

As ameaças que rondam o território Kalunga

Esses saberes impregnados na cultura quilombola encontram-se ameaçados por várias razões, dentre elas a carência de políticas públicas que expulsam os jovens das comunidades em busca de estudo e trabalho. A falta de expectativa em dias melhores entre os seus tem levado os jovens a procurarem grandes centros principalmente Brasília e Goiânia, onde enfrentam sérias dificuldades como a falta de capacitação profissional e o racismo, vivendo em sua maioria explorados como mão de obra de baixo custo.

A expansão e reprodução do capital impactaram a dinâmica socioespacial do interior do Brasil. Isso interferiu também na região da Chapada dos Veadeiros, sobretudo nas comunidades quilombolas. A região que compõe o Território Quilombola Kalunga não é rica somente em ouro, mas em diversos outros minerais que atendem de uma forma significativa aos anseios da reprodução e expansão do capital. Em áreas Kalunga temos registrados atualmente 150 (cento e cinquenta) direitos de lavras, conforme o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Esses registros funcionam como reserva de mercado às empresas mineradoras, a maioria delas ligadas ao capitalismo financeiro mundializado.

Nas décadas de 1970 e 1980, os povos habitantes da Comunidade Quilombola de Kalunga, passaram a ser perseguidos de forma brutal pelos fazendeiros e mineradores que ocuparam parte de suas terras. Para intimidar os quilombolas casas foram queimadas, famílias inteiras foram expulsas de suas moradas e cultivos foram destruídos pela soltura de animais nas roças. Tudo para obrigar os moradores Kalunga a entregar suas terras que agora interessam ao capital financeiro. Em contrapartida a resistência foi organizada, e, em 1996, através da Lei Complementar nº 19, foi reconhecido o Sítio Histórico Quilombo Kalunga, com uma área de 257 mil quilômetros quadrados.

Desde sempre os Povos Kalunga foram colocados à margem das políticas públicas destinadas ao meio rural, como, por exemplo, as condições de acesso. Mesmo após a abertura das estradas na década de 1990, o acesso às diversas comunidades continua dificultado principalmente no período chuvoso. Essa dificuldade foi fundamental na resistência construída no século XVIII, além de evitar o avanço das práticas capitalistas sobre o território quilombola, mantendo um certo isolamento em relação às cidades próximas. Na atualidade, é motivo de preocupação, haja vista que o discurso do isolamento geográfico ainda é utilizado para justificar a inexistência de alguns instrumentos públicos como estradas, escolas de qualidade e assistência à saúde⁴.

⁴ Este quadro sugere então o repensar do termo isolamento, para que o Kalunga possa promover o fortalecimento da construção da sua auto-imagem enquanto negro rural, tendo acesso às reflexões em torno da história política e cultural dos quilombos e da raça negra no Brasil, podendo preservar a sua cultura sem ser obrigado a preservar a falta de condições de “subsistência”, a situação de submissão àqueles que invadiram as suas terras, a falta de saúde, educação e moradia dignas de cidadãos brasileiros. (PAULA, 2005, p. 11417.).

Diante deste contexto as comunidades passam por um permanente processo de (RE) Existência numa luta permanente para a consecução de seus direitos, principalmente o direito a terra ocupadas pelos seus antepassados. Vale ressaltar que estas comunidades foram esquecidas durante muitos anos por parte do Poder Público que não ofereceu os serviços públicos básicos como escola, saúde, saneamento básico e energia elétrica. Para se ter uma noção do abandono, somente em 2005 a energia chegou em algumas comunidades⁵.

Outra questão é que segundo relatos de vários moradores, em especial os mais velhos, os jovens não querem mais aprender e reproduzir os saberes tradicionais e culturais. Várias danças tradicionais como, por exemplo, a “Sussa” está cada vez mais raras, pois muitos têm até vergonha de dançar, eles estão interessados em outras danças e músicas que são provenientes da sociedade externa. Isso de certa forma traz sérios danos para a cultura Kalunga, uma vez que essa identidade pode correr o risco de ser extinta devido à padronização cultural que provoca a falta de interesse dos jovens em aprender para depois reproduzi-las.

Considerações Finais

Os *saberes-fazeres* das Comunidades Camponesas e Quilombolas são, sem dúvidas, um conhecimento que não deve perpetuar-se somente para os Povos Kalunga, mas para a sociedade como um todo, pois além desses povos conseguirem viver de uma forma sustentável essa cultura retrata os saberes tradicionais adquiridos pela vivência no Cerrado. E isso de certa forma revela a história dos *Povos Cerradeiros*.

Mas essa cultura está sendo cada vez mais impactada devido à saída de inúmeros povos quilombolas que não tem se quer as condições mínimas para viver com dignidade. Um dos grandes problemas que a sociedade impõe para estas comunidades e que durante vários anos foi materializado, é que ser Kalunga é viver na miséria, em condições subalternas e isso jamais pode ser reproduzido, pois estes povos tem o direito de viver com dignidade, usufruindo de tais condições e reproduzir seus conhecimentos e culturas sem a repressão da sociedade.

Potencializar o desenvolvimento de pesquisas científicas e trocas de saberes de forma séria, é de extrema importância, pois possibilita a manutenção da cultura e traz uma perspectiva de melhor qualidade de vida para estes povos. É preciso buscar alternativas que visam a troca de

⁵ Para Ratts; Furtado (2010, p. 240), Ser quilombola em Goiás, assim como no restante do país, para além dos elementos culturais, históricos e de um protagonismo, é ser portador um ônus social e político que se prolonga há décadas ou quicá séculos. Citando (SILVÈRIO, 2002), o autor identifica a prática de racismo institucional, como por exemplo, a invisibilidade social e o atendimento precário ou moroso de suas demandas como sujeito étnico-racial diferenciado por parte de determinados órgãos públicos.

conhecimentos para buscar um equilíbrio entre as Comunidade Quilombolas e a Sociedade Moderna.

Além disso, o estudo dessas comunidades possibilita o descobrimento de *saberes-fazeres* que podem ser transmitidos à nossa sociedade, possibilitando maior equilíbrio com o meio, pois é preciso sempre buscar alternativas sustentáveis que garantem o usufruto dos recursos naturais sem causar grandes impactos a sociobiodiversidade do Cerrado.

Referências

ALBARELLO, E. J; SILVA, M. T; GÖRGEN, F. S. **Casa de sementes crioulas caminho para a autonomia na produção camponesa**. Gráfica Instituto de Menores, Porto Alegre, 2009.

ALMEIDA, M. G de. Cultura ecológica e biodiversidade. **Mercator**, Fortaleza, ano 2, n.3, p. 71-82, jan./jul. 2003.

ALMEIDA, M. G. **Cultura, natureza e biodiversidade-notas preliminares**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal9/Procesosambientales/Usoderecursos/09.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2014, 15:00:00.

ALMEIDA, R. A. **Identidade, distinção e territorialização: o processo de (re) criação camponesa no mato grosso do sul**. 391 f. Tese (Pós-Graduação em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial: vivências escravistas em Arraias (1739 – 1800)**. Goiânia: Kelps, 2007.

ARAGÃO, A. L. S; FERNANDES R. B; SOTTO-MAIOR, M. B. **A biodiversidade das plantas cultivadas nos quintais no território da comunidade kalunga – Chapada dos Veadeiros/go**. Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xxlenga/anais_enga_2012/gts/1467_2.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2014, 14:00:00.

ARANTES, M. M; ALMEIDA, M. G. **O saber fazer do povo Kalunga na conservação da biodiversidade do cerrado em Goiás (Brasil)**. *Élisée*, Rev. Geo. UEG - Goiânia, v.1, n.2, p.51-70, 2012.

BARREIRA, C. C. M. A. **Vão do Paranã: a estruturação de uma região**, Ministério da Integração Nacional, Brasília 2002

BRANDÃO, C. R; BORGES M. C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 6, p.51-62. 2007.

BRANDÃO, C. R; BORGES M. C. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**. 2007, ano/vol. 10, n. 001. Universidade Federal de Goiás, Goiânia. pp. 11-27.

BRANDÃO, C. R. **Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil**. *Rurais*. v. 1, n. 1. p. 37-64. 2007.

CAMARGO, J. C. G; ELESBÃO, I. **O problema do método nas ciências humanas:**o caso da geografia. Mercator, Revista de Geografia da UFC, ano 03, número 06, p. 7-18, 2004.

COSTA, M. S. P. **Poder local em torno:** domínio e legitimidade em arraias. 2008. 298 f. Tese (Pós-Graduação em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília.

GOIAS. **Lei Complementar nº 19**, de 05 de janeiro de 1996, dispõe sobre sítio histórico e patrimônio cultural kalunga. Goiânia, 1996. Disponível em: www.gabinetecivil.go.gov.br. Acesso em 10 de junho de 2014.

GRANDI, M. E. G.**Boletim Paulista de Geografia.** Xamã Editora, Associação dos Geógrafos Brasileiros – ABG, Seção São Paulo, 2006.

GRAZIANO NETO, F. **A questão agrária e ecológica.** São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Vãos).

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONOMICAS APLICADAS (IPEA). **Quilombos das Américas:** articulação de comunidades afrrurais. Documento síntese. Brasília. 2012

LIMA, L. N. M. **Sítio histórico e patrimônio cultural kalunga:** a emergência da identidade étnica kalunga pelos direitos fundiários. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(127\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(127).pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2014, 15:00:00.

LINGNAU, C. M. **O livro uma história do povo kalunga** – material divulgador da representação social dos quilombolas kalunga. Revista Linguasagem, Ed. 15.

PAULA, M. V. de. **A contribuição da mídia e da academia para a disseminação do mito do isolamento sobre o agrupamento quilombola.** In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, X, 2005, São Paulo. 2005. Anais..., p. 11.396 -11.418

MENDONÇA, M. R. **A questão regional e o campesinato:** a alhicultura em Catalão (GO). 1998. 233 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

_____. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano.** 2004, 458 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MESQUITA, H. A. de. **A modernização da agricultura** – Um Caso em Catalão/Goiás. 1993. 180 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

OLIVEIRA, A. U. **A agricultura camponesa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1991.

PELÁ, M. C. H; MENDONÇA, M. R. **Cerrado goiano:** encruzilhada de tempos e territórios em disputas. In: Pelá, Márcia; Castilho, Denis (Org). Cerrados: perspectivas e olhares. 1 ed. Goiânia: Vieira, 2010, v.1, p. 37-50.

PEREIRA, B. M.; ALMEIDA, M. G. **O quintal kalunga como lugar e espaço de saberes.** Disponível em: <http://www.odonto.ufg.br/uploads/133/original_bruno.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2014, 22:30:30.

PINTO, J. M. G. **Boletim Paulista de Geografia.** Associação dos Geógrafos Brasileiros – ABG, Seção São Paulo, 1977.

PORTO GONÇALVES, C. W. **O desafio ambiental.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

PRIMAVESI, A. M. **Agroecologia:** práticas e saberes. I Simpósio Sobre Agroecologia do Sudeste Goiano, realizado em abril/2007 na UFG/Campus Catalão.

RATTS, A.; FURTADO, G. **Observações sobre a situação dos quilombos em Goiás.** In: ALMEIDA, A. W. B. (Orgs)... [et al]. Cadernos de debates nova cartografia social: territórios quilombolas e conflitos. Manaus: UEA Edições, 2010, p. 235-240.

RIGONATO, V. D.; ALMEIDA, M. G. **Cerrado:** a fitofisionomia e a inter-relação com as populações tradicionais. Cerrados, Montes Claros, vol.1, n.1, p. 39 – 52, jan./dez. 2004.

SANTOS, V.C.; MENDONÇA, M.R. **EXTENSÃO RURAL E SABERES AGRÍCOLAS TRADICIONAIS:** práticas extensionistas nas Comunidades Quilombolas Kalunga de Goiás. In: XV Jornada do Trabalho, Guarapuava. 2014. **Anais...** s/p. Disponível em: <http://anais.unicentro.br/trabalho/pdf/xvv1n1/205.pdf>. Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

SEVILLA GUZMÁN, E., **Agroecología y desarrollo rural sustentable:** una propuesta desde Latinoamérica: enagroecología, elcamino hacia una agricultura sustentable. Buenos Aires: Ediciones Científicas Americanas, 2002.

SILVA, M. J. **Quilombos do Brasil central:** séculos XVIII e XIX (1719 - 1888). Introdução ao estudo da escravidão. 461 f. Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998.

VILA REAL, R. N. S. **Cultura e currículo:** um estudo da escola Kalunga. 1996, 224 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, GO, Goiânia, 1996